

# A família, o sexo e a sexualidade

## Perspectivas pastorais

James Farris

### Resumo

A intenção deste curto ensaio é esboçar o desenvolvimento da ética sexual cristã a fim de discutir alguns dos desafios atuais a respeito da sexualidade e do sexo nas vidas de indivíduos e famílias dentro das Igrejas Protestantes Históricas. As diferenças entre os termos sexo e sexualidade estão apresentadas. A discussão está marcada por uma abordagem pastoral, baseada em questões e problemas históricos e as tensões entre éticas, moralidades e tradições das Igrejas Protestantes Históricas e novas informações oferecidas pelas ciências humanas.

### Palavras-Chave

Ética – sexualidade – indivíduos – família – Igrejas.

**Professor da FaTeo e do programa de Pós-graduação em Ciências da Religião/Umesp. Ênfase de pesquisa: Teologia Pastoral. Doutor em Filosofia e Personalidade pela School of Theology at Claremont, Califórnia, USA.  
E-mail: james.farris@metodista.br.**

# Family, sex, and sexuality

## Pastoral Perspectives

James Farris

### Abstract

The intention of this short article is to outline the development of Christian sexual ethics in order to discuss some of the challenges facing Historical Protestant Churches with regard to sexuality and sex in the lives of individuals and families. Differences between the terms sex and sexuality are discussed. The basic approach of the discussion is Pastoral, based on historical questions and problems and the tensions between ethics, moralities and traditions of Historical Protestant Churches and new information offered by human sciences.

### Palavras-Chave

Ethics – sexuality – individuals – families – churches.

**Professor at the Theological Faculty and the Postgraduate Program of Religious Studies/Umesp. Research: Pastoral Theology. Ph.D. in Religion and Personality Theory, School of Theology at Claremont, USA.  
Email: james.farris@metodista.br**

# La familia, el sexo y la sexualidad

## Perspectivas pastorales

James Farris

### Resumen

La intención de este corto ensayo es hacer un esbozo del desenvolvimiento de la ética sexual cristiana con el objetivo de discutir algunos de los desafíos actuales con respecto a la sexualidad y al sexo en la vida de individuos y familias dentro de las Iglesias Protestantes Históricas. Se presentaron las diferencias entre los términos sexo y sexualidad. La discusión está marcada por un abordaje pastoral basado en cuestiones y problemas históricos, en las tensiones que existen entre las éticas, moralidades y tradiciones de las Iglesias Protestantes Históricas y en las nuevas informaciones ofrecidas por las ciencias humanas.

### Palavras-Clave

Ética – sexualidad – individuos – familia – Iglesias

**Profesor de la FaTeo y del Programa de Posgraduación en Ciencias de la Religión/Umesp. Énfasis de investigación: Teología Pastoral. Doctor en Filosofía y Personalidad por la School of Theology at Claremont, California, USA. Email: james.farris@metodista.br**

## Introdução

A fé e as práticas religiosas fazem parte integral da família dentro do contexto da Igreja Cristã, mas não é raro que estas, direta ou indiretamente, tratem da sexualidade e do sexo como algo, no melhor dos casos, na periferia da fé, ou, no pior dos casos, como fonte de tentação e pecado. Esta divisão reflete o dualismo entre o corpo e o espírito, ou o Eros e o Ágape, que só surgiu no contexto da Igreja Primitiva via incorporação de diversas idéias originárias do neoplatonismo e Estoicismo. Tal divisão dificilmente se encontra nos textos do Primeiro e Segundo Testamentos e há diversas tradições dentro das Igrejas Cristãs que questionam esta divisão. Porém, a fragmentação entre a fé, ou o Ágape, e o corpo, ou o Eros, continua afetando profundamente as crenças e práticas de famílias pertencentes às Igrejas Protestantes Históricas. Este conjunto de crenças, teologias e atitudes afeta profundamente a vida dos crentes e da ação pastoral da Igreja.

Este ensaio está organizado em dois momentos. Num primeiro momento é oferecido um breve resumo da história e da ética sexual cristã e suas implicações para a família, desde o Primeiro Testamento até os dias atuais. Num segundo momento, estão apresentados alguns dos problemas e das perguntas atuais que desafiam a família e a Igreja a respeito de sexo e sexualidade – especificamente:

- 1)** A sexualidade como uma força no ser humano desde o nascimento até a morte;
- 2)** a masturbação;
- 3)** o sexo fora do

casamento; e **4)** a educação sexual na Igreja.

## O sexo e a sexualidade

Para começar, é fundamental a distinção entre sexualidade e sexo. A palavra "sexo" normalmente recorre ou ao gênero biológico, macho e fêmea, ou para os atos físicos que envolvem os órgãos genitais. A palavra "sexualidade" geralmente tem um significado muito mais amplo desde que recorra a todos os aspectos do ser sexual. A sexualidade geralmente recorre a uma dimensão da personalidade e das relações sociais e não só para a capacidade de resposta erótica.

A sexualidade humana envolve, pelo menos, as seguintes dimensões: biológica, psicossocial, comportamental e espiritual. Assim, a sexualidade humana inclui, no mínimo, a biologia, a personalidade, as relações sociais, os comportamentos específicos, o gênero, a política, a economia e a espiritualidade. A sexualidade humana vai além dos comportamentos específicos, das atitudes e dos desejos porque ela é parte integrante da personalidade, ou do senso de identidade e como nós nos relacionamos com o mundo. A personalidade, ou o senso de identidade é o espaço no qual o mundo interior da pessoa, ou a consciência interage com o social e o transcendente. Assim, a sexualidade humana é mais que uma lista de atitudes, sentimentos e comportamentos. Ela é uma parte integrante de como os seres humanos existem no mundo. É uma parte integrante do ser. Porém, é efetivamente impossível separar a sexualidade do sexo, ou do desejo sexual, e os

controles sociais de sua satisfação, ou negação. O significado cultural de ser mulher ou homem, macho ou fêmea, tem implicações para o complexo universo dos desejos e práticas sexuais, ou genitais. No entanto, é fundamental entender que a sexualidade humana representa um contexto muito maior do que as práticas sexuais. Mas, no contexto da Igreja, tal como em diversos setores da cultura dominante, a divisão entre sexualidade e sexo é freqüentemente vista como puramente pedagógica. É comum a vinculação, de maneira bem clara, do significado de ser macho ou fêmea com certos comportamentos e desejos sexuais bem definidos. Dentro do contexto da Igreja, e da cultura dominante, o preço de violar tais regras / tradições / crenças é alto.

É perigoso propor uma "definição" da sexualidade humana por causa da complexidade do conceito e devido às diversas atitudes culturais que influenciam a discussão. Uma descrição ampla, e individualista, da sexualidade humana é que ela está "onde as motivações emocionais e psicológicas mais profundas para a auto-revelação, a intimidade, a interligação, a proximidade e o compromisso... encontram-se numa outra pessoa"<sup>1</sup>. Esta descrição reflete um entendimento individual, ou interpessoal e emocional da sexualidade humana. Uma descrição mais ampla da sexualidade humana é que ela "é nosso modo de estar no mundo como pessoas de gênero, com estruturas biológicas de macho ou fêmea e a autocom-

preensão socialmente interiorizadas desses significados..."<sup>2</sup>. Conseqüentemente, a sexualidade humana envolve os sentimentos, os pensamentos e as atitudes sobre o ego e o corpo e como eles se relacionam com o mundo. A sexualidade humana envolve ter e ser um corpo e a constelação complexa de relações que estas duas dimensões de ser geram. A sexualidade humana, por conseguinte, "é o desejo para a intimidade e a comunhão emocional e física. É a base fisiológica, psicológica e social de nossa capacidade para amar"<sup>3</sup>. Enquanto a palavra "amar" nessa citação é aberta a várias interpretações, a implicação desta definição é que a relação é um elemento central na sexualidade humana. A sexualidade humana inclui as relações físicas, emocionais e espirituais. As relações genitais são freqüentemente a categoria mais associada com a sexualidade humana, mas esse é só um aspecto, no entanto muito poderoso, do desejo fundamental para contato, ou comunhão que é característica básica da sexualidade humana. Assim, a sexualidade humana e suas expressões genitais são alicerces da família como expressão da comunhão humana.

## **A ética sexual cristã: breve resumo**

A intenção desta breve apresentação não é discutir detalhadamente a história da ética sexual cristã. A meta é apenas esboçar algumas das tendências mais importantes nesta história complexa, a

---

<sup>1</sup> James B. Nelson e Sandra P. Longfellow (eds.). *Sexuality and the Sacred: Sources for Theological Reflection*. London, Westminster – John Knox Press, 1994, p. 26 (tradução do autor).

<sup>2</sup> *Ibidem*, p. 26 (tradução do autor).

<sup>3</sup> *Ibid*, p. 26 (tradução do autor).

fim de entender melhor as influências históricas e atuais a respeito da ética sexual cristã. Por isso, serão discutidos sinteticamente só alguns períodos históricos, tradições e tendências.

### **A tradição hebraica antiga**

Não havia nenhuma sistematização dos códigos morais nas comunidades hebraicas antigas. Eram códigos simples e diretos, sem maiores elaborações, mas é possível identificar algumas tendências, ou tradições fundamentais<sup>4</sup>. O casamento era central na tradição da moralidade sexual e qualquer ato que impedisse ou ameaçasse a relação entre os cônjuges era proibido, como a prostituição, por exemplo. A procriação era, durante séculos, de fundamental importância. Por isso, a poligamia era aceitável, ou até relações sexuais com concubinas à luz de que não era a qualidade da relação no casamento que tinha a importância central, mas a procriação. É interessante notar que a masturbação era considerada um pecado, ou violação ética, "pior" do que as relações com prostituta, ou outra mulher, porque relações com outras mulheres poderiam gerar filhos<sup>5</sup>. Atos sexuais inaceitáveis incluíam qualquer tipo de "emissão errada de sêmen"<sup>6</sup>. Isso significava qualquer tipo de relação, ou ato sexual, que não poderia resultar na procriação – masturbação e atos homossexuais, por exemplo. Porém, os atos

homossexuais foram condenados mais em função de sua identificação com a idolatria, ou com os cultos de outras religiões do que com a sexualidade, a "emissão errada de sêmen"<sup>7</sup>. O ideal na moralidade judaica era, quase sempre, o casamento monógamo que podia gerar filhos, mas no fim do período "clássico", mais ou menos 200 a.C., o casamento, ou a qualidade da relação entre marido e esposa, ganhava mais importância<sup>8</sup>. Isso aparentemente em função da estabilidade da população judaica em termos de números e, portanto, menos na necessidade de procriação.

### **Escrituras chave:**

Gênesis 1.26(a), 27-28(a); Gênesis 2.18, 21-24; Gênesis 18.20-21, 19.1-2(a), 4-14, 24-25; Levítico 18.22; Levítico 10.13; Cântico dos Cânticos

### **O Segundo Testamento**

Como no Primeiro Testamento, não há nenhuma articulação intencional de uma ética sexual no Segundo Testamento. De modo geral, o Segundo Testamento combina a ética sexual judaica com as influências da cultura romana. É muito importante a atitude geral, encontrada no Novo Testamento, de que os seguidores de Cristo estão isentos das Leis Cúlticas do judaísmo, especificamente aquelas do Livro de Levítico. Isso reflete a premissa da centralidade da graça fundamental no cristianismo Deus. Há seis princípios sexuais gerais que podem ser identifica-

---

<sup>4</sup> Margareta Farley, "Sexual Ethics" in James B. Nelson e Sandra P. Longfellow (eds.). *Sexuality and the Sacred*. London, Westminster John Knox Press, 1994, p. 55.

<sup>5</sup> Farley, loc.cit.

<sup>6</sup> Farley, loc.cit.

---

<sup>7</sup> Farley, loc.cit.

<sup>8</sup> *Ibid*, p. 56.

dos no Novo Testamento: 1) Os cristãos são livres das Leis Cúlticas Judaicas. A implicação ética é que a pureza não é a categoria definitiva da ética sexual cristã. No lugar da pureza, a comunidade cristã enfatizava a relação com o próximo e com Deus – O Reino de Deus; 2) os cristãos devem respeitar a propriedade sexual de outros e entender suas relações sexuais à luz da vontade de Deus e não da sua própria vontade. Os relacionamentos sexuais ainda são entendidos em termos de propriedade, mas a relação com Deus é considerada o valor categórico que deve guiar o modo em que vivemos. A reprodução biológica ainda é fundamental na ética sexual, mas a qualidade da relação ocupa muito mais espaço do que no Antigo Testamento; 3) a sexualidade e a propriedade sexual são identificadas com o homem. Além das categorias de tentação e pecado, a mulher é, efetivamente, excluída da categoria da sexualidade no Novo Testamento; 4) o Novo Testamento mistura a igualdade entre homens e mulheres, à luz da graça de Deus, com a falta de igualdade social, na vida cotidiana; 5) o divórcio não é aceitável. Isso altera, fundamentalmente, a ética judaica tradicional e serve para redefinir radicalmente o entendimento da família; 6) a vida e a propriedade sexual são sempre subordinadas à vontade de Deus. Neste contexto, o Eros era considerado inimigo, ou antítese, do Ágape<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> L. William Countryman, "New Testament Sexual Ethics and Today's World" in James B. Nelson e Sandra P. Longfellow (eds.) *Sexuality and the Sacred*. London, Westminster John Knox Press, 1994, p. 31-52.

É interessante notar que não há nenhuma menção explícita, no Segundo Testamento, de: atos sexuais específicos entre marido e esposa, violência sexual, gênero, masturbação, poligamia, ou pornografia (arte e literatura erótica). Parece claro que, na ética sexual do Novo Testamento, é a qualidade da relação, em relação com o próximo e Deus, que é decisiva na sua avaliação ética, ou antiética; todavia, esta discussão foi desenvolvida dentro dos entendimentos da qualidade da relação segundo os valores culturais do período.

### **Escrituras chave**

Romanos 1. 18-21(a), 24-28; Romanos 7. 1-3; Efésios 5. 22-33; I Coríntios 6. 9-11; I Timóteo 1. 9-10(a)

### **A ética sexual na Igreja Primitiva**

A ética sexual cristã nos primeiros séculos do cristianismo foi influenciada profundamente pela ética judaica, pela cultura romana e pelas diversas filosofias da época. Embora a ética judaica influenciasse profundamente a Igreja Primitiva, a importância em explicar e defender as crenças da Igreja incentivou um discurso intensivo com as diversas escolas filosóficas e tradições religiosas dominantes. Em particular, o estoicismo influenciou profundamente a ética cristã, via sua ênfase no vínculo entre a sexualidade e a procriação. Segundo o estoicismo, o ato sexual é bom quando está ligado diretamente à procriação. Qualquer outro ato sexual era considerado inferior devido a seu desligamento da possibilidade da criação de nova vida. Esta ética sexual encontrou

sintonia direta com as bases éticas da Igreja Primitiva, fundadas no judaísmo, e reforçou o vínculo entre a sexualidade e a reprodução.

### **A ética sexual de Agostinho**

Agostinho acreditava no valor positivo do casamento e da procriação, mas avaliava a sexualidade, ou pelo menos o desejo sexual, como mau, por causa de sua tendência de incentivar atos e pensamentos pecaminosos. O mal para Agostinho era o desejo sexual e não necessariamente o ato sexual, ou a procriação. O ato sexual era uma "necessidade" para assegurar a procriação e ajudar as pessoas a não pecarem fora do casamento. Na teologia de Agostinho, o casamento tinha três funções: a criação de filhos, a fidelidade entre homem e mulher e a estabilidade social. Qualquer tipo de ato sexual fora do casamento, ou sem a possibilidade de gerar filhos, era pecaminoso – sexo oral, anal, ou a masturbação, por exemplo. Para Agostinho, o desejo sexual era pecaminoso porque interfere com as capacidades racionais e o autocontrole que levam a pessoa a ter uma relação mais íntima com Deus.

### **A ética sexual de Tomás de Aquino**

Tomás de Aquino reafirmou a centralidade da procriação na sexualidade e, assim, reforçou a ética sexual cristã de Agostinho. Aquino reafirmou a racionalidade como o caminho que leva a pessoa a Deus e entendeu o desejo sexual como sendo um impedimento às relações com Deus, em função de sua natureza irracional. A função procriativa da sexualidade

forneceu as normas básicas para sua ética sexual cristã. Como no pensamento de Agostinho, não há nenhuma ligação entre a sexualidade humana e a felicidade, ou o amor humano. A procriação era a norma fundamental para a ética sexual. Aquino, como Agostinho, era contra qualquer método artificial de controle de natalidade, por causa da relação ética entre as relações sexuais e a procriação.

### **A ética sexual e a Reforma Protestante**

Os Reformadores, Martinho Lutero e João Calvino, não divergiram substancialmente da ética da Igreja Católica Romana. Os dois concordavam com a ligação entre a natureza pecaminosa do ser humano e o desejo sexual, mas debateram a importância da relação entre o casamento, a sexualidade e a espiritualidade. Eles afirmaram que a sexualidade humana era, como parte da criação de Deus, fundamentalmente boa, mas o desejo sexual era mau, porque interfere com as relações entre a pessoa e Deus. Lutero entendia o casamento como uma maneira de lidar com o desejo sexual, ou a luxúria de uma forma controlada e socialmente aceitável. Calvino também entendia o casamento como maneira de evitar a luxúria, mas afirmou a importância fundamental da relação, ou da sociedade entre o marido e a esposa, como parte do plano de Deus para o ser humano.

A respeito da sexualidade, o debate na Reforma era menos em torno da relação entre a sexualidade e a procriação, um fato quase universalmente aceito na teologia da Reforma, e mais sobre a

natureza e a função do casamento, inclusive a possibilidade, ou não, de ter clérigos casados<sup>10</sup>. A diferenciação entre as éticas da Igreja Católica Romana e as igrejas da Reforma era que a Igreja Católica baseava sua ética na "lei natural" e as igrejas da Reforma, na Bíblia. Por isso, nas Igrejas da Reforma a procriação não ocupava lugar tão central como na Igreja Católica, mas a ligação entre o pecado humano e o desejo sexual era fundamental. Isso devido, em grande parte, à influência de Agostinho e Aquino. De qualquer forma, a sexualidade humana nas igrejas da Reforma era vista como sendo limitada, eticamente, às relações dentro do casamento, usando a Bíblia como fonte de autoridade quase absoluta.

### **A ética sexual de John Wesley**

Há pouca discussão bem desenvolvida, ou intencional, sobre o sexo e a sexualidade na teologia e no pensamento de John Wesley. Ele não divergiu muito da ética sexual da Reforma Protestante e da Igreja Anglicana, mas acrescentou dois pontos importantes: 1) ele foi claro na sua crítica da violência sexual contra as mulheres – por exemplo, a prostituição e a violência dentro da relação conjugal; e 2) Uma certa afirmação, geralmente indireta, da importância do prazer sexual dentro do casamento. Na teologia de Wesley, o mais importante é fidelidade a Deus refletida na relação com o próximo, à luz das Escrituras. O sexo e a sexualidade apareceram, de novo apenas

indiretamente, na sua teologia por causa da importância no que se refere às relações entre os cônjuges.

### **A ética sexual Cristã na Pós-Reforma**

A ética sexual cristã nas Igrejas Protestantes e na Igreja Católica seguiu quase a mesma linha e argumentação durante séculos. A santidade do casamento e a função básica da sexualidade humana para a procriação eram os valores fundamentais. Elementos inovadores só entraram nos séculos XIX e XX com a valorização do vínculo entre o amor, a sexualidade e as relações entre cônjuges, no século XIX, e o surgimento de métodos artificiais confiáveis do controle de natalidade na década de 1960. As Igrejas Protestantes aceitaram o controle artificial de nascimento, sem grande trauma, por causa da ênfase na autoridade da Bíblia, em vez da teologia natural. A preocupação das Igrejas Protestantes a respeito do controle artificial de nascimento era em função do medo de que tal tecnologia incentivaria a "atividade sexual fora do casamento" e não no debate sobre o vínculo entre o ato sexual e a procriação<sup>11</sup>. As duas Igrejas aceitaram, sem grande debate, o valor da sexualidade na relação emocional entre o marido e a esposa.

Por outro lado, as duas Igrejas tiveram profundas dificuldades com o crescente debate a respeito de questões de gênero e dos direitos de mulheres, ou os movimentos femininos e feministas. As

---

<sup>10</sup> Farley, p. 64.

---

<sup>11</sup> Farley, p. 65.

mudanças na independência financeira, social e sexual de mulheres foram frequentemente interpretadas como ameaça fundamental à estabilidade da família.

Nas Igrejas Protestantes, como na Igreja Católica, o casamento heterossexual continuou sendo quase o único lugar em que a sexualidade humana era valorizada, pelo menos como o ideal, em termos das relações sexuais, mas havia muito menos preocupação com atos específicos tais como o sexo oral e a masturbação do que na Igreja Católica, por causa da centralidade da procriação na ética católica.

### **A família, o sexo e a sexualidade: desafios pastorais**

Resumidamente, a Igreja Protestante tem tradição antiga que: 1) valoriza a sexualidade e o prazer sexual quase exclusivamente entre os adultos casais heterossexuais, casados; 2) trata da sexualidade como aspecto secundário, em comparação com a importância da espiritualidade ou da alma, do ser humano, ou fonte de pecado; 3) desconfia, pelo menos indiretamente, do prazer corporal, ou só valoriza tal experiência dentro da instituição do casamento e 4) tem dificuldades para analisar a sexualidade e as relações sexuais em termos de poder e gênero.

Vivemos numa cultura que valoriza, ou supervaloriza a sexualidade, o prazer, a diversidade e o individualismo. Há diversas pesquisas na medicina, sociologia e antropologia que desafiam entendimentos tradicionais teológicos da sexu-

alidade humana, das práticas sexuais e da estrutura e do funcionamento da família<sup>12</sup>. Estes choques entre mundos de valores e informações criam desafios pastorais para a Igreja e para o sexo e a sexualidade dentro da família.

Como foi destacado anteriormente, este ensaio não tem a intenção de tratar de todas as implicações e desafios do confronto entre a autoridade bíblica e as tradições das Igrejas Protestantes Históricas a respeito da sexualidade, do sexo e da família. A intenção desta discussão estará limitada a algumas questões específicas pertinentes à vida da Igreja e da família e suas interações com a cultura e as ciências humanas.

### **A sexualidade e o desejo sexual influenciam a vida humana desde o nascimento até a morte**

Um dos desafios mais marcantes para a ação pastoral é que nós somos seres sexuais desde o nascimento até a morte e a definição de papéis sexuais começa desde os primeiros momentos de vida. A sexualidade não está restrita aos adolescentes e adultos casados. Por exemplo, a escolha de roupas para o recém-nascido influencia a definição da identidade sexual. Os bebês masculinos frequentemente recebem roupas azuis, enquanto as meninas brancas, ou cor-de-rosa. O tratamento pelas enfermeiras e parentes está influenciado, ainda no hospital, pela cor do vestido<sup>13</sup>. Quase todos os bebês prati-

---

<sup>12</sup> Judith K. Balswick e Jack O. Balswick. *Authentic Human Sexuality*. Downers Grove, InterVarsity Press, 1999, p. 13 – 35.

<sup>13</sup> Pomerleau, Andrée, Bolduc, Daniel, Malcuit, Gérard e Cossette, "Pink or Blue: Environmental Gender

cam o auto-eroticismo como parte normal do processo de autodescobrimento. As crianças freqüentemente exploram os corpos um do outro e isso é considerado, por muitas autoridades no campo do desenvolvimento humano, como sendo perfeitamente normal no processo da autodefinição e no estabelecimento de identidade sexual e social. As crianças e os pré-adolescentes são educados, no ambiente das Igrejas, a seguir os papéis sexuais aceitáveis dentro da comunidade. Por exemplo, não é raro as meninas serem educadas para ser mãe, esposa e humilde servidora do Senhor. Os meninos são freqüentemente educados a serem os defensores da fé, o marido forte e o chefe da família. O homem é educado, indiretamente, a ser "ativo" nas relações sexuais e a mulher "passiva", ou "receptiva". A questão não é a "verdade" destes papéis sexuais, mas a formação quase inquestionável dessas identidades sexuais e religiosas e o conflito com novos modelos de papéis sexuais presentes na cultura.

No outro extremo, o desejo sexual e a capacidade de ter orgasmo podem continuar em adultos até, pelo menos, entre 80 a 90 anos de idade, mas quase não existe discussão, dentro das tradições Protestantes, da sexualidade na terceira idade<sup>14</sup>. Os papéis sociais de avó e avô, promulgados pela cultura dominante e as Igrejas, são freqüentemente assexuais apesar dos fatos psicológicos, sociais e

físicos. Resumidamente, as tradições Protestantes pouco tratam das questões sexuais fora da sexualidade dos adolescentes e da valorização das relações sexuais e do prazer sexual dentro do casamento.

**Perguntas:** 1) Como é que a Igreja e a família devem reagir à sexualidade humana na totalidade da vida humana e na capacidade para a resposta sexual desde o nascimento até a morte? 2) Quais as implicações para a família e a Igreja das mudanças culturais nos papéis sexuais que desafiam padrões bem estabelecidos e defendidos por muitas Igrejas Protestantes?

### A masturbação

A vasta maioria de pesquisa médica e psicológica indica que a masturbação é uma prática quase universal no ser humano e, fora da prática compulsiva, não causa nenhum dano emocional, ou físico. A masturbação é uma prática "egocêntrica", mas não necessariamente "egoísta". O termo "egocêntrico" refere-se às práticas e atitudes voltadas ao autodescobrimento, desenvolvimento e integração de identidade do indivíduo. Todo ser humano é, até certo ponto, egocêntrico como parte inegável de ser individual. O conceito "egoísta" refere-se às práticas e atitudes que valorizam os desejos, as necessidades, as práticas e as atitudes que só servem o indivíduo e que desconsideram suas relações com outros, ou tratam de outras pessoas como meios para satisfazer fins pessoais. Assim, a masturbação é "egocêntrica", no sentido de ser uma prática voltada literalmente à satisfação dos desejos do indivíduo e a

---

Stereotypes in the First Two Years of Life". *Sex Roles*, Vol. 22, nº. 5-6, March, 1990.

<sup>14</sup> William H. Masters, Virginia E. Johnson e Robert C. Kolodny. *Sex and Human Loving*. Boston, Little, Brown and Company, 1986, p. 179 - 185.

descoberta e valorização das fantasias e estímulos que dão prazer<sup>15</sup>. De modo geral, a masturbação ajuda na criação de vínculos com outras pessoas, especificamente com parceiros sexuais, via o autoconhecimento da pessoa a respeito de seus desejos sexuais e estilo de resposta sexual. A masturbação só entra na categoria de "egoísmo" quando se torna o meio de satisfação sexual preferido pela pessoa.

De modo geral, a dificuldade com a masturbação, pelo menos nas tradições Protestantes Históricas, tem a ver com o prazer. Historicamente, por causa da tradição da oposição entre o Eros e o Ágape, a Igreja tem, de modo geral, uma certa suspeita sobre o prazer e, especificamente, o prazer sexual. Isso é exacerbado quando a sexualidade é direcionada exclusivamente para o prazer do indivíduo, tal como na masturbação. No entanto, em diversas teologias e éticas que tratam da sexualidade, o dualismo entre o Eros e o Ágape está sendo questionado como sendo mais uma reflexão de tradições filosóficas do que as de tradições bíblicas, especificamente do Primeiro Testamento<sup>16</sup>.

Perguntas: 1) Como é que a família cristã deve reagir à prática da masturbação em bebês, crianças, adolescentes e adultos? 2) A masturbação é sempre pecaminosa? 3) Como é que a Igreja e a família devem reagir às pesquisas que indicam que a masturbação não é patológica e, pelo menos entre os bebês,

crianças e adolescentes, faz parte normal do processo da autodescoberta?

## O sexo fora do casamento

O matrimônio é um pacto frente a Deus e, assim, as relações sexuais fora do casamento representam uma violação emocional e espiritual de uma relação com outra pessoa e com Deus. Mas, as Igrejas Protestantes freqüentemente têm uma dupla moralidade em circunstâncias específicas. Formalmente, qualquer relação sexual fora do casamento é considerada pecaminosa, ou menos fiel à vontade de Deus para a sexualidade humana. Informalmente, não é incomum "aceitar", ou pelo menos "tolerar", a atividade sexual de adultos numa relação séria antes do casamento. Isso reflete, mais ou menos, a norma nas culturas modernas.

Esta atitude, ou abordagem moral, é freqüentemente chamada de Acomodação Ética, ou Pastoral. Resumidamente, a Acomodação Ética/Pastoral reconhece que, em certas circunstâncias, o ideal da Ética Cristã não reflete a complexidade da vida individual e social humana e assim abre espaço para reconhecer e, até certo, ponto valorizar certos comportamentos que, embora não sigam as normas éticas e morais tradicionais da Igreja, expressam o amor, o respeito e a justiça de Cristo.

**Perguntas:** 1) As relações sexuais fora do casamento são sempre pecaminosas? 2) Pastoralmente, quais as implicações de ter uma ética sexual formal e

<sup>15</sup> Ibidem, p. 282 – 304.

<sup>16</sup> Georg Feuerstein. *Sacred Sexuality: The Erotic Spirit in the World's Great Religions*. Rochester, Inner Traditions, 2003, p. 189 – 199.

informal? 3) Como é que a Igreja pode melhor explicar, ou comunicar, no contexto da pregação e da educação Cristã, a Acomodação Pastoral? 3) Quais as diferenças, pastoralmente, entre as relações sexuais entre adolescentes, que freqüentemente só servem para a satisfação imediata dos desejos sexuais, e entre adultos intencionalmente buscando construir uma relação de amor e respeito?

### **A educação sexual na Igreja**

Dentro do ambiente da Igreja e, freqüentemente, no contexto da família cristã, quase não existe a educação e o diálogo sobre o sexo e a sexualidade. Quando acontece, a educação sexual dentro da Igreja e das famílias cristãs freqüentemente repete e reforça as tradições éticas e morais da comunidade de fé, raramente entrando em diálogo com a cultura e as novas descobertas científicas.

Tradicionalmente, a Igreja acredita que a educação sexual, em termos da função do corpo humano, pertence à família e, até certo ponto, ao Estado. A Igreja tem a responsabilidade de discutir e comunicar as normas éticas e morais a respeito da sexualidade e do sexo, à luz da intenção de Deus para a sexualidade humana. Esta separação de responsabilidades freqüentemente isola a Igreja do contexto da família e do Estado.

Perguntas: 1) No contexto da ação pastoral da Igreja, qual o preço de não discutir a sexualidade? 2) Por que temos tanto receio, dentro da família e da Igreja, de falar sobre a sexualidade e o sexo?

### **Conclusão**

A intenção deste breve ensaio foi esboçar o desenvolvimento da ética sexual cristã e apresentar alguns dos desafios atuais a respeito da sexualidade e do sexo dentro das realidades das Igrejas Protestantes Históricas. Não havia nenhuma intenção de oferecer respostas pré-formuladas aos problemas e perguntas levantadas. Estes desafios e responsabilidades pertencem às comunidades de fé e às famílias.

No entanto, é de fundamental importância a discussão e debate intencional sobre estes assuntos. A tendência de evitar discussão crítica sobre a sexualidade e o sexo dentro dos âmbitos da Igreja e da família só serve para isolar a Igreja do contexto vivo da cultura e da família. Também, a tendência de apenas repetir as normas, moralidades e éticas tradicionais, sem dialogar com as ciências sociais, tendências culturais e experiências de indivíduos e famílias, põe a Igreja em risco de estar isolada e considerada arrogante.

